

MÍDIAS SOCIAIS COMO RECURSO PEDAGÓGICO NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Maria Aparecida Ramos da Silva¹
Departamento de Comunicação Social – UFRN

RESUMO

Este trabalho enfoca a inserção dos computadores nas escolas públicas de ensino básico do município de Natal/RN, analisando o processo de inclusão digital dos estudantes, baseado no uso pedagógico das novas tecnologias de informação e comunicação, através de uma política pública. O estudo analisa os desafios, perspectivas e possibilidades do uso pedagógico das mídias sociais nas escolas públicas e as dificuldades enfrentadas pelos educadores.

Palavras-chave: Educação, Inclusão digital, Políticas públicas, Mídias Sociais.

1 – INTRODUÇÃO

Expressão da revolução científica e tecnológica constante no mundo moderno, as novas Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC têm provocado significativas mudanças nas forças produtivas, nas relações de produção e nas formas de sociabilidade humana. A revolução digital ocorrida com o advento das novas TIC, principalmente, o computador e a internet, mudaram profundamente a maneira como as pessoas pensam, atuam, se comunicam e trabalham, com novas maneiras de criar conhecimentos, educar e transmitir informação.

Atualmente, é essencial fazer parte dessa rede, não apenas no sentido da inclusão econômica, mas para quase todos os outros aspectos da vida cotidiana, como educação, participação, política, assuntos comunitários, produção cultural, entretenimento e interação pessoal. Assim, as novas TIC também podem contribuir para a melhoria da educação, da administração pública e da assistência médica, e, dessa forma, pode ser um fator multiplicador para a inclusão social (WARSCHAUER, 2006).

Assim como as demandas por tantas outras políticas sociais, a sociedade civil tem demandado políticas públicas de inclusão digital ao Estado brasileiro. Em resposta, o Governo Federal apóia e executa ações de inclusão digital por meio de diversos programas e órgãos, buscando enfrentar essa desigualdade, seja implantando centros de inclusão digital, garantindo a conexão via satélite para escolas, telecentros, ONGs e comunidades distantes ou criando condições para facilitar a aquisição de computadores portáteis para professores, para citar alguns exemplos.

A criação dessas políticas é norteadas, basicamente, por dois modelos de acesso às novas tecnologias: equipamentos e conectividade. Entretanto, a posse de um equipamento de informática e de condições para a conexão à internet não se constituem

¹ Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Possui mestrado em Ciências Sociais e bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela UFRN.

como um acesso completo, pois são necessárias habilidades e entendimento para utilizar o computador e a internet de modo socialmente válido.

No caso do Programa Nacional de Tecnologia Educacional – PROINFO, seu principal objetivo é promover “o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica”. Em relação às demais políticas, seu diferencial é utilizar pedagogicamente as novas TIC, a partir da capacitação dos professores, visando promover mudanças nos ambientes educativos com a presença de artefatos tecnológicos e linguagens próximas ao universo de interesse dos estudantes. Esse diferencial aproxima o programa de outro modelo de acesso: o letramento digital, em que os indivíduos devem ter habilidades para manusear as novas TIC e ter condições de acessar as tecnologias com uma visão crítica, além de produzir conhecimento para a rede mundial de computadores.

Warschauer (2006), relaciona o conceito de letramento, comumente definido como a habilidade individual de ler e escrever, ao acesso às novas TIC. Para o autor, o letramento digital inclui uma combinação de equipamentos, conteúdo, habilidades, entendimento e apoio social, fazendo com que o usuário envolva-se em práticas sociais significativas. Segundo ele, o letramento e a educação afetam o acesso *on-line* no macronível, pois realizados em massa servem para acelerar o desenvolvimento econômico, criando uma “tecnologização” maior da sociedade. Por outro lado, também interferem no micronível individual, já que as habilidades de leitura, escrita e pensamento continuam sendo decisivas para a capacidade de utilização da internet.

Este artigo é um recorte para a dissertação de mestrado intitulada “O uso pedagógico das TIC como expansão das capacidades: o PROINFO Natal/RN”. No primeiro tópico, faz-se uma retrospectiva abordando o impacto das novas TIC na sociedade, com ênfase nas diversas mudanças na área educacional. Em seguida, discute-se a importância do uso das mídias sociais disponíveis na internet para incentivar e dinamizar o ensino e é analisada a realidade das escolas públicas municipais de Natal, que possuem laboratórios de informática.

2 – AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E A VIDA SOCIAL

A sociedade contemporânea passa por diversas transformações surgidas com a introdução das novas Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC, que são a combinação de tecnologias associadas à informática e telecomunicações, aplicadas aos sistemas de comunicação, possibilitadas pela telemática. Os maiores representantes das novas TIC são o computador e a internet.

Para Castells (2004), os sistemas de redes, baseadas em nós interligados, sempre existiram, assim como as formas de difusão e processamento de informações, no entanto, essas tecnologias assumiram uma nova forma no tempo presente, à medida que se tornaram redes de informação alimentadas pela internet.

Dessa forma, a propagação e uso das novas TIC pelos indivíduos originam transformações econômicas, sociais e culturais, por meio das mudanças tecnológicas, que permeiam e são difundidas em todos os campos da sociedade. O mundo está conectado em uma sociedade em rede, diz o autor, que possui características próprias desse sistema interligado, com especificidades de ser:

Um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos (CASTELLS, 1999, p. 40).

O autor expõe que esse novo sistema de comunicação mundial, ao mesmo tempo em que integra a produção de conhecimento, seja através de imagens, sons ou textos, também individualiza os diversos gostos e identidades. Castells (1999), afirma que o exponencial crescimento das redes interativas de computadores, que criam novas formas e canais de comunicação, molda a vida e, ao mesmo tempo, são moldadas por ela. Para o autor, a revolução da tecnologia da informação é um evento histórico com a mesma importância da Revolução Industrial do século XVIII, pois introduz um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura, enfatizando que, diferentemente de qualquer outra revolução, o cerne da transformação na revolução atual refere-se às tecnologias da informação, processamento e comunicação.

Essa nova configuração social, organizada em rede, está relacionada ao surgimento do informacionalismo, um novo modo de desenvolvimento que vem substituir o modo de desenvolvimento industrial, e que tem como fonte de produtividade a tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. Dessa forma, o que é específico ao modo informacional de desenvolvimento é:

A ação de conhecimentos sobre os próprios conhecimentos como principal fonte de produtividade [...] o informacionalismo visa o desenvolvimento tecnológico, ou seja, a acumulação de conhecimentos e maiores níveis de complexidade do processamento da informação (CASTELLS, 1999, p. 54).

Isso significa que é a busca por conhecimentos e informação que caracteriza a função da produção tecnológica no informacionalismo, porém, mais do que isso, o novo sistema econômico e tecnológico está localizado no sistema capitalista, que transforma-se em capitalismo informacional. Assim, explica Castells (1999), a economia informacional é global, com capacidade de funcionar em escala planetária, em tempo real, intensificando as relações sociais, usando como ferramenta primordial as novas tecnologias, dentre elas a internet.

Os avanços tecnológicos são cada vez mais rápidos e esse fator é provocado pelo ciclo de realimentação entre a introdução de uma nova tecnologia, seus usos e seus desenvolvimentos em novos domínios, que adquire muito mais velocidade no novo paradigma tecnológico. Essa é uma característica das novas tecnologias e ocorre porque a difusão da tecnologia amplifica seu poder infinitamente, à medida que os usuários apropriam-se dela e a redefinem. Ou seja, o constante uso das tecnologias pelos indivíduos cada vez mais as aperfeiçoam e realimentam, pois:

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimento e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso (CASTELLS, 1999, p. 69).

Segundo Castells (1999), ao mesmo tempo em que se apropria das tecnologias, a sociedade descobre novas formas de conhecimento que é cumulativo para a criação de mais conhecimento e informação. Essa discussão sobre acesso e domínio do conhecimento remete a um debate atual feito por movimentos sociais, liderados pela ONG canadense ETC Group², que sustentam a ocorrência de um processo análogo ao que Karl Marx chamou de acumulação primitiva do capital³.

Segundo esses movimentos, as grandes corporações estariam promovendo, novos “cercamentos” (*enclosures*), com o uso da tecnologia, de forma semelhante ao modo como as terras comunais foram sendo “cercadas” e tomadas, por aqueles que se tornaram os donos dos meios de produção. A discussão ocorre em torno de como as empresas estão fazendo uso da tecnologia para adquirir privilégios e criar novos monopólios. Para tanto, estão sendo debatidas a questão das patentes sobre softwares; as aplicações e a fusão entre nanotecnologia e biotecnologia; e as características da nova geração de plantas transgênicas, entre outros temas.

De fato, há inúmeros enfoques sobre a utilização das tecnologias que produzem conhecimento e como seu domínio vai realizar transferências de poder na sociedade. Para Castells (1999), por outro lado, a própria disponibilidade da internet criou uma “cultura da virtualidade real”, pois reúne, em um único local, praticamente todas as informações que se quer encontrar.

Isso é possível porque as formas de comunicação, condição básica das relações sociais, estão, atualmente, baseadas em uma rede digitalizada, que oferece múltiplas possibilidades de comunicação e que é capaz de conter, de maneira nunca antes vista, todas as expressões culturais. O autor fala com entusiasmo desse novo sistema em que a própria realidade, referindo-se a uma experiência simbólica e material das pessoas, é captada e imersa em:

Uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência. Todas as mensagens de todos os tipos são incluídas no meio porque este fica tão abrangente, tão diversificado, tão maleável, que absorve no mesmo texto de multimídia toda a experiência humana, passado, presente e futuro (CASTELLS, 1999, p. 459).

Ao afirmar que as aparências vão além do mundo virtual e se transformam e confundem com a própria experiência humana, o autor talvez resuma o fascínio que a internet e os computadores exercem sobre os indivíduos atualmente no mundo. Da mesma forma, essas tecnologias ocupam um lugar central por absorver mensagens de todos os tipos que remetem e interligam o passado, o presente e o futuro da humanidade.

De acordo com Lévy (1996), a contemporaneidade constrói e recapitula uma nova percepção de humanidade, com o surgimento do que ele chama de “novas tecnologias da inteligência”, ressaltando que a humanidade passa por um momento de “limite de um novo tempo”, e é categórico ao afirmar que:

² ETC Group, sigla para Grupo de Ação sobre Erosão, Tecnologias e Concentração.

³ Em meados do século XIX, Karl Marx descreveu, no capítulo 24 do livro primeiro de “O Capital” o que chamou de acumulação primitiva, que seria o início do processo que culminou na distinção entre os que detêm e os que não detêm os meios de produção.

A antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Vemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado (LÉVY, 1996, p. 17).

O autor explica que a técnica está reconfigurando a sociedade, ocasionando uma mudança paradigmática que pode ser descrita como um novo estilo de humanidade sendo inventado, pois altera a ordem das “representações e dos saberes”. Isso significa que as novas TIC não produzem apenas profundas modificações nas formas de produzir a vida material, ela impacta igualmente o campo simbólico, a cultura e a cognição.

Segundo Lévy (1996), virtual não é o contrário de real, mas sim tudo aquilo que tem potencialidade para se concretizar. Assim, o virtual seria uma possibilidade, um “dever outro do ser humano”. No aspecto cognitivo, o autor acredita ser o maior impacto das novas tecnologias de comunicação, pois a virtualização proporciona grandes alterações na inteligência das pessoas, ao possibilitar uma maior troca de experiências e uma maior interação entre indivíduos de diferentes partes do mundo.

Também potencializada pelas novas TIC, acontece o que Lévy (1996) chama de “inteligência coletiva”, fenômeno marcado por uma maior interatividade entre as pessoas; uma constante troca de conhecimentos que gera um conhecimento coletivo, aperfeiçoado e dinâmico. Portanto, um conhecimento que está acessível a todos. A potencialização da “inteligência coletiva” é favorecida pelas diversas formas que o texto assume, devido a sua digitalização e ao surgimento da internet, que tem o hipertexto como principal ferramenta.

Nesse contexto, cada vez mais o ambiente educacional deve se interligar com o que Lévy (1996) denomina de inteligência coletiva, para que os estudantes tenham fluência tecnológica para interagir e produzir conteúdo.

2.1 – As novas TIC e as mudanças na educação brasileira

Assim como têm aplicabilidade em praticamente todas as áreas da atividade humana, a área educacional também recebeu interferências com a difusão da tecnologia digital, pois a constante evolução e utilização das novas TIC vêm provocando transformações paradigmáticas e impulsionado as pessoas a conviverem com a concepção de aprendizagem sem fronteiras e sem pré-requisitos (SANTOS & RADTKE, 2005). Existe a ideia de que as novas TIC dispõem de informação e conhecimentos infinitos, disponíveis e acessíveis de qualquer local e a qualquer hora. Isso estaria gerando uma nova “cultura da aprendizagem”, no sentido da construção de uma nova forma de conceber e repassar o conhecimento, seja da perspectiva cognitiva ou social.

Na rede pública de ensino básico do país, as novas TIC estão impactando a questão do ensino-aprendizagem e gerando uma necessidade de reformulação e ressignificação do espaço escolar. Existe a noção de que a educação deveria migrar das formas ditas tradicionais, que utilizam o quadro, o giz, a voz e um modelo escolar que privilegia a lógica da instrução e da transmissão da informação, para um “novo mundo educacional”, cujo funcionamento se baseie na “construção colaborativa de saberes e na abertura aos contextos sociais e culturais” (DUARTE DA SILVA, 2008, p. 194).

Para Pozo (2008), a escola deve assimilar essas percepções e novos paradigmas e a internet pode contribuir nesse processo, pois a informatização do conhecimento deixou muito mais acessível todos os saberes ao tornar “mais horizontais e menos seletivos a produção e o acesso ao conhecimento” (POZO 2008, p. 30). Nesse contexto, a função da escola é proporcionar aos alunos capacidades de aprendizagem que lhes permitam uma assimilação crítica da informação dispostas na rede, que deve ser realizada a partir do uso pedagógico dessas novas tecnologias.

Nessa perspectiva, o docente ganha papel fundamental, pois deve se voltar para a construção de um novo fazer pedagógico, em que prevaleçam o desenvolvimento de ações em parcerias com os alunos, visando avançar em direção a uma ação pedagógica interdisciplinar voltada para a aprendizagem dos estudantes. Para Valente (2008), existem diversas maneiras de usar o computador na educação, uma delas limita-se à informatização dos métodos tradicionais de instrução, ou seja, o paradigma instrucionista. Por essa análise, os computadores teriam um papel coadjuvante no ensino-aprendizagem, sendo apenas um auxiliar e substituto de métodos tradicionais. O autor defende uma mudança desse modelo para o paradigma construcionista, pois:

O computador pode enriquecer ambientes de aprendizagem onde o aluno, interagindo com os objetos desse ambiente, tem chance de construir o seu conhecimento. Nesse caso, o conhecimento não é passado para o aluno. O aluno não é mais instruído, ensinado, mas é o construtor do seu próprio conhecimento. Esse é o paradigma construcionista onde a ênfase está na aprendizagem ao invés de estar no ensino; na construção do conhecimento e não na instrução (VALENTE, 2008, p. 137).

O autor traz o uso do computador para o centro do palco, ao salientar a importância das novas TIC para essa mudança de paradigma, pois ao interagir com os computadores conectados, os alunos serão responsáveis pela construção de seu próprio conhecimento. Ou seja, não serão apenas passivos recebedores de instruções, mas passarão a desenvolver toda a criatividade para ser os construtores de saberes e conhecimento.

Nessa mudança paradigmática de ensino-aprendizagem, o papel do docente também se altera, pois o professor não poderá ser um simples transmissor do conhecimento. É necessário considerar os novos recursos de informática e o conhecimento que o estudante traz para a sala de aula. Segundo Santos e Radtke (2005), o uso das novas TIC na educação exige uma releitura do papel do docente, que se configura como elemento fundamental nesse processo, como salientam as autoras:

Na perspectiva transformadora de uso do computador na educação, a atuação do docente não se limita a fornecer informações aos alunos. Cabe a ele assumir a mediação das interações docente-aluno-computador, de modo que o aluno possa construir o seu conhecimento em um ambiente desafiador, em que o computador auxilie, promovendo o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da auto-estima do aluno (SANTOS E RADTKE, 2005, p. 328).

As autoras compactuam com a ideia de que as novas TIC impulsionam e promovem uma mudança de modelo educacional, em que os alunos têm parcela significativa de responsabilidade pela construção de seu próprio conhecimento, mas

salientam a importância do professor nesse processo e a necessidade de releitura do seu papel, como mediadores desse conhecimento.

Um dos mecanismos que irá permitir essa mudança é o enfoque na formação dos docentes para essa realidade das escolas, em que o professor deve utilizar o computador para mediar a construção do conhecimento do aluno, garantindo a construção de novas formas de ensino, já que:

A formação e a atuação de docentes para o uso da informática em educação são um processo que interrelaciona o domínio dos recursos tecnológicos com a ação pedagógica e com conhecimentos teóricos necessários para refletir, compreender e transformar essa ação (SANTOS & RADTKE, 2005, p. 328).

De acordo com as autoras, a formação dos professores deve vir associada a sua atuação pedagógica e estar interrelacionada com o domínio dos recursos tecnológicos, pois essa preparação envolve e tem que estar vinculada à prática pedagógica. Dessa maneira, a formação precisa ser vista além do espaço-tempo dos cursos de capacitação, contemplando nesse processo a dimensão do contexto do cotidiano do professor. Nesse enfoque, a preparação do professor vai além do aprendizado sobre como lidar com as ferramentas computacionais. De acordo com Santos e Radtke (2005), os docentes precisam aprender a recontextualizar o uso do computador, integrando-o às suas atividades pedagógicas e o processo de formação deve propiciar ao professor construir novos conhecimentos, relacionar diferentes conteúdos e reconstruir um novo referencial pedagógico.

Nesse sentido, é preciso aproximar o olhar no que vem ocorrendo no âmbito das escolas para tentar entender e superar essas etapas, seguindo em direção a uma verdadeira e completa utilização das novas TIC nos processos educacionais. E, ao fazer isso, pode-se perceber um espaço de conflitividade iminente entre os Imigrantes e Nativos Digitais, expressão cunhada por Prensky (2001) para designar, respectivamente, os que nasceram num período anterior à novas TIC e os que nasceram depois dessa “revolução”.

Para o autor, hoje em dia, a maioria dos estudantes não “sobrevivem” sem utilizar cotidianamente câmeras fotográficas, tocadores de música digitais, celulares e computadores e passaram a vida inteira rodeados por e usando esses e outros brinquedos e ferramentas da era digital. Atualmente, os estudantes pensam e processam informações, fundamentalmente, diferente dos seus antecessores (PRENSKY, 2001).

O autor salienta que, apesar de muitos Imigrantes Digitais se sentirem fascinados pelas novas tecnologias e, conseqüentemente, se adaptarem a algumas ou a todas elas, nunca pensarão nem agirão verdadeiramente como os Nativos Digitais, pois sempre irão conservar os “sotaques”, como explica:

As Digital Immigrants learn - like all immigrants, some better than others - to adapt to their environment, they always retain, to some degree, their "accent," that is, their foot in the past. The "digital immigrant accent" can be seen in such things as turning to the Internet for information second rather than first, or in reading the

*manual for a program rather than assuming that the program itself will teach us to use it (PRENSKY, 2001, p.1).*⁴

O autor afirma que os Imigrantes Digitais aprendem uma nova linguagem para se adaptar ao ambiente, mas como todos os imigrantes, sempre permanecem com seu “sotaque” original. Existem inúmeros exemplos que identificam os níveis de aprendizagem e fluência dos Imigrantes Digitais, como a impressão de e-mail para leitura ou a necessidade de imprimir um documento escrito no computador para poder editá-lo, ao invés de fazer isso diretamente na tela.

Por outro lado, Prensky (2001) afirma que os estudantes preferem realizar várias atividades ao mesmo tempo e que estes estão habituados a receber informação de forma rápida. Contudo, o conflito existe porque os professores Imigrantes Digitais não acreditam que o processo de ensino e aprendizagem pode ser feito de maneira diferente e divertida. Para o autor, o “erro” desses professores Imigrantes Digitais é considerar que os métodos através dos quais eles aprenderam são igualmente aplicáveis aos alunos dos dias atuais.

Nesse sentido, observa-se que, assim como em outras áreas da sociedade, a inserção das novas tecnologias no contexto educacional promove uma série de demandas. Dessa forma, faz-se necessário rever o processo metodológico, visando potencializar o uso das novas TIC na educação.

3. O USO DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO RECURSO PEDAGÓGICO

As novas ferramentas presentes na Web 2.0 criam novas possibilidades para os processos e situações de ensino-aprendizagem que podem ser utilizadas para ampliar a capacidade dos alunos.

Dessa forma, as escolas podem se utilizar das diversas mídias sociais existentes como recurso pedagógico, como a construção colaborativa, utilizando-se as páginas “Wiki”⁵, que permitem a construção de enciclopédias construídas com informações adicionadas por cada usuário e cujo maior exemplo é a Wikipedia⁶. Existem, ainda, outros aplicativos que apresentam inúmeras possibilidades para contribuir no processo de ensino e aprendizagem, como os grupos de discussão, que permitem uma interação em tempo real entre os alunos e o professor. Esses novos dispositivos têm a marca da Web 2.0, em que a interação é parte essencial, com produção de conteúdo feita pelos próprios usuários.

Outro aplicativo importante para o uso pedagógico é o Blog,⁷ que se apresenta como um dos recursos da internet para a educação, servindo para registrar os conhecimentos adquiridos pela turma durante projetos de estudo na sala de aula, sendo

⁴ Tradução livre “Ao passo que os imigrantes digitais aprendem – assim como todos os imigrantes, uns mais que outros – a se adaptar ao meio, também conservam, em determinado grau, o seu ‘sotaque’, ou seja, seu pé no passado. O ‘sotaque imigrante digital’ pode ser percebido em pequenas coisas, como o recorrer à Internet como segunda fonte de informação, ou ler o manual de um programa em vez de admitir que o uso do programa por si irá nos ensinar a utilizá-lo”.

⁵ *Wiki* é uma coleção de muitas páginas interligadas e cada uma delas pode ser visitada e editada por qualquer pessoa.

⁶ É uma enciclopédia multilíngue *on-line* livre colaborativa. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>.

⁷ Blog vem da abreviação de weblog: web (tecido, teia, também usada para designar o ambiente de internet) e log (diário de bordo). É uma ferramenta que permite aos usuários colocar conteúdo na rede e interagir com outros internautas.

possível enriquecer os relatos com links, fotos, ilustrações e sons (GENTILE, 2008). Outras Redes Sociais também podem ser usadas para auxiliar professores e alunos em sala de aula, como Twitter, Youtube⁸, Orkut, Facebook e Flickr.

No entanto, ao analisar o uso das mídias sociais na rede básica de ensino municipal, percebe-se que ainda são poucas as situações em que essas e outras ferramentas são utilizadas nas escolas públicas municipais de Natal.

A relação dos estudantes com os computadores em rede e o interesse pelos jogos e sites de entretenimento durante as atividades escolares é uma constante preocupação dos professores e gestores do ProInfo em Natal. Essa foi uma questão que perpassou a maioria das entrevistas, e existe uma preocupação para tentar entender e buscar formas de lidar com essa tendência dos estudantes, como ressalta uma docente:

É um dos maiores problemas, porque mesmo que a gente traga, com um planejamento, o professor com tudo organizado, com a aula bem sistematizada, eles tendem a minimizar a página que estão fazendo a pesquisa e ir para o Orkut, para o Youtube, quer dizer, é muito forte essa questão (Professora regente, entrevista em 18/11/09).

Diante desse contexto, em Natal, alguns professores, principalmente, os que já passaram por cursos de formação, começam a discutir, questionar e procurar caminhos para utilizar as redes sociais de forma pedagógica, mas falta ainda amadurecimento a respeito de como utilizar esses sites de relacionamento de forma pedagógica.

Uma das barreiras é que a maioria dos professores não conhece ou utiliza cotidianamente esses sites e as novas ferramentas de sociabilidade da internet. Muitos nem ao menos possuem páginas no Orkut ou MSN⁹, que são os aplicativos mais usados entre os estudantes. Assim, fica a questão de como eles vão poder avaliar, contribuir e dialogar sobre esse assunto?

Ao não saber como lidar com os novos aplicativos disponíveis com o advento das novas TIC, algumas escolas bloqueiam e proíbem o acesso a sites de relacionamento ou utilizam programas para controlar e visualizar o que os alunos estão “visitando”. Contudo, os estudantes sempre encontram outros meios de acessar essas páginas e os professores já desistiram desse método. É o que expõe uma entrevistada, ao avaliar que:

Não adianta nem bloquear, a gente já desistiu dessa questão de bloquear, a gente tem que educá-los de que o momento do laboratório é uma atividade da sala de aula e que eles precisam estar atentos a isso. Orkut, MSN, não é proibido? Não é, mas a gente procura outro momento para isso, nas lan houses, em casa, a gente sempre tem colocado isso, mas é muito difícil, é o nosso maior problema. Principalmente, com os meninos a partir do 5º ano, que já vai naquela faixa etária dos adolescentes (Professora regente, entrevista em 18/11/09).

⁸ YouTube é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital.

⁹ MSN Messenger é um programa que permite a conversação por meio de mensagens instantâneas.

Ao afirmar que “não é proibido” acessar sites como o Orkut e MSN, a professora se refere ao fato de que, na verdade, essa proibição não é aceita pelos estudantes, que descumprem essa “regra” regularmente. Durante as visitas de campo, foi observado que, enquanto o professor orienta um estudante de um lado do laboratório de informática, os outros param as tarefas e entram nesses e em outros sites. As aulas, na maioria das vezes, são constantemente interrompidas pelo professor, solicitando que os estudantes “saíam” dos sites de relacionamento.

Desse modo, os professores “desistiram” de proibir e bloquear e agora tentam educar e conscientizar os estudantes de que o momento no laboratório de informática faz parte da atividade escolar. A fala da docente reforça a dificuldade para lidar com essa questão, principalmente, com os estudantes dos anos finais do ensino fundamental, que são os adolescentes.

Isso mais uma vez reforça a necessidade de observar que as novas mídias fazem parte da cultura e dos horizontes dos Nativos Digitais e a utilização do laboratório de informática apenas reflete essa problemática. Esses elementos têm um aspecto sedutor para os alunos, mas sua utilização não é o que o uso pedagógico exige, comprometendo assim a efetividade do programa.

Alguns professores aperfeiçoam seus conhecimentos para lidar com esse novo contexto que emerge na educação, conciliando aulas teóricas com a praticidade do laboratório de informática, fazendo pesquisas de assuntos de interesse dos alunos e que sejam também compatíveis com o currículo da disciplina.

Um desses exemplos foi encontrado na Escola Municipal Antonio Severiano, em uma aula de Inglês. Na ocasião, os alunos acessaram um site educativo¹⁰ e foram seguindo as orientações do professor e ultrapassando as etapas propostas pelo exercício, que visava fazer com que eles reconhecessem os números, ouvidos em inglês, marcassem a resposta correta para passar para a próxima fase. Para o professor, os alunos mantiveram a atenção e concentração durante toda a aula por ser um exercício interessante, pois

Quebra um pouco a rotina pedagógica de quadro e giz. Então, há produção de conhecimento no laboratório de informática e há também um empenho, há pesquisa, concentração por parte dos alunos, interação também, tem trabalhos em grupos em que eles estão interagindo entre si. Tudo é válido para o aluno (Professor do ensino fundamental, entrevista em 25/11/09).

Ao avaliar essa aula como uma experiência positiva do uso das novas TIC como auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, vê-se que o uso da metodologia adequada pelo professor foi um dos pontos essenciais para favorecer o aprendizado e criar uma interação e motivação durante a aula. Na atividade, o professor planejou a aula e conhecia o site que os estudantes visitaram, pois havia analisado com antecedência o que podia ser aproveitado. Assim, manteve o controle da atividade, direcionando o que era acessado durante toda a tarefa.

É inegável a importância do planejamento das atividades no laboratório de informática, mas, no caso dessa aula, fica claro que seu sucesso deveu-se, principalmente, ao tipo de aplicativo utilizado pelo professor, que simulava um jogo. Nesse sentido, o docente procurou encontrar uma metodologia que potencializou o uso

¹⁰ O site da Rede Católica de Educação (www.rceon-line.com.br) dispõe de aulas de diversas disciplinas, jogos educativos, enquetes e notícias.

das novas TIC, mantendo o interesse dos alunos no conteúdo abordado, pois a aula só vai contribuir para o desenvolvimento pedagógico se for muito bem programada e apresentada de forma diferente para os alunos.

Entretanto, apesar de algumas experiências exitosas, a grande maioria das escolas e dos professores pesquisados ainda passa por uma etapa inicial de utilização das ferramentas tecnológicas. Em geral, os professores ainda estão incorporando as tecnologias naquilo que já vinham realizando, visando tornar as aulas mais interessantes, mas não possuem o domínio técnico-pedagógico que lhes permitirá inovar e provocar modificações nos processos educacionais (MORAN, 2008).

Talvez uma das razões para essa falta de domínio técnico-pedagógico dos professores venha da formação acadêmica, que não ofereceu subsídios para a capacitação para uso das tecnologias, como bem observa essa professora:

Sinto dificuldade no uso das TIC na sala de aula, pois no decorrer da minha formação acadêmica, não houve material que desse suporte para o trabalho junto aos alunos, das tecnologias disponíveis no âmbito escolar. Com esse entendimento, busco compreender e trabalhar as TIC educacionais (Professora do ensino fundamental).

Nesse vácuo de formação, os professores precisam se adequar à realidade atual, diante do acelerado desenvolvimento científico e tecnológico e do ingresso das novas TIC no espaço escolar.

As mudanças no campo da política de formação docente, no Brasil, também devem refletir a necessidade de preparação para o uso das tecnologias educacionais. No entanto, ao analisar o currículo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, a mais conceituada e melhor avaliada pelos critérios do MEC, nota-se que muitos cursos de licenciatura não oferecem disciplinas específicas para discutir essa questão.

Os cursos de Letras e Pedagogia, iniciados no primeiro semestre de 2010, por exemplo, não oferecem esse assunto como tema específico, nem mesmo nas disciplinas optativas. No total, o primeiro curso tem 122 créditos obrigatórios, sendo 23 práticos e 99 teóricos. Já o curso de Pedagogia oferece 164 créditos obrigatórios, com 23 práticos e 141 teóricos. Certamente, existem outras formas de se debater essa temática nas universidades, que pode ser inserida de forma transversal, em aulas específicas dentro das disciplinas ou seminários, porém, diante da emergência das novas TIC na educação, a formação acadêmica deveria preparar os futuros professores para essa realidade.

Contudo, pelos depoimentos foi identificado um conjunto de entraves que dificultam a efetividade do programa nas escolas públicas de Natal, principalmente com relação à formação dos docentes. Muitos professores não têm tempo e estímulo para participar dos cursos, que são realizados no contra-turno de trabalho, e, quando participam, são dos cursos para iniciantes que não agregam muito conhecimento para o uso pedagógico das TIC.

Essa deficiência na formação faz com que o laboratório de informática seja utilizado por poucos professores, principalmente, aqueles que já adquiriram fluência tecnológica. Percebeu-se um fosso entre a metodologia aplicada pelos professores e a forma como os alunos se relacionam com a internet, que é diferente do que a escola e o programa propõem.

Diante desse cenário, concluiu-se que é inegável a importância que o laboratório de informática assume no ambiente escolar, mas ainda é necessário que a escola se aproprie das novas tecnologias de forma adequada, visando contribuir para uma mudança no processo de ensino-aprendizagem.

A falta de domínio técnico-pedagógico ocasiona uma resistência em realizar atividades no laboratório de informática, dificultando e reduzindo o tempo disponível dos estudantes no local. A realidade escolar pesquisada mostrou que se resumem a poucos os docentes que utilizam o local como espaço pedagógico e foi relatado que vários professores nunca frequentaram o laboratório de informática.

Nessa perspectiva, o que está em discussão é como agregar as redes sociais de forma pedagógica, fazendo com que os estudantes interajam com a tecnologia a partir de ferramentas que eles já dominam. Assim, conclui-se que os docentes necessitam se apropriar cada vez mais das novas tecnologias para que o programa tenha uma real efetividade e mais estudantes sejam beneficiados pelo ProInfo.

REFERÊNCIAS

- BLIKSTEIN, Paulo; ZUFFO, Marcelo K.. As sereias do ensino eletrônico. *In*: SALGADO, Maria U. C. **Tecnologias da educação**: ensinando e aprendendo com as TIC. Brasília: MEC/SEED, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v. 1. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- DUARTE DA SILVA, Bento. A Tecnologia é uma estratégia. *In*: SALGADO, Maria U. C. **Tecnologias da educação**: ensinando e aprendendo com as TIC. Brasília. MEC/SEED, 2008.
- EVANGELISTA, Rafael. **Os donos do saber**. Disponível em <http://bit.ly/jQR1nM>. Acesso em 25 de out. 2009.
- FREIRE, Paulo Freire. **Extensão ou comunicação?** São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1971.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.
- POZO, Juan Ignacio. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. *In*: SALGADO, Maria U. C. **Tecnologias da educação**: ensinando e aprendendo com as TIC. Brasília: MEC/SEED, 2008.
- PRENSKY, Marc. *Digital Natives, Digital Immigrants*. *In*: **On the Horizon**. NCB University Press, No. 5, Vol. 9. Disponível em <http://bit.ly/CdgmV>. Acesso em 20 jan. 2010.
- SANTOS, Bettina S. dos; RADTKE, Márcia L. Inclusão digital: reflexões sobre a formação docente. *In*: Pellanda, Niza M. C., *et al* (Orgs.). **Inclusão digital**: tecendo redes afetivas/cognitivas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- VALENTE, José A. Por que o computador na educação? *In*: SALGADO, Maria U. C. **Tecnologias da educação**: ensinando e aprendendo com as TIC. Brasília: MEC/SEED, 2008.
- WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e inclusão social**: a exclusão digital em debate. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2006.